

## PLANTAS UTILIZADAS PARA PRODUÇÃO ARTESANAL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Robson Júnio Pereira de Lima (1); Helena Cabral dos Santos (2); Alexandra Pereira da Silva (3);  
Joédson da Rocha Dantas (4); Kleyton Samuel Lima de Souza (5)

<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Picuí, robsonlimabio@gmail.com;

<sup>2</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Picuí, heleninha\_cabral@hotmail.com;

<sup>3</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Picuí, alehpersih@gmail.com;

<sup>4</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Picuí, joedsonrd@hotmail.com;

<sup>5</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Picuí, pro.kleyton21@gmail.com.

**Resumo:** O presente trabalho objetivou descrever o uso de plantas da caatinga na confecção de artesanatos em quatro municípios do semiárido brasileiro, além de analisar o contexto socioeconômico e cultural da atividade artesanal, visando à preservação da arte e da biodiversidade. A pesquisa foi realizada em quatro Municípios circunvizinhos; Coronel Ezequiel e Jaçanã (Rio Grande do Norte), e Cuité e Nova Floresta (Paraíba). Para a localização dos artesãos foi utilizada a técnica de bola-de-neve (*snowball sampling*). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturada, complementadas por observação participante. No total 10 artesãos foram entrevistados, 30% do gênero feminino e 70% do gênero masculino com idades entre 41 a 74 anos. Por meio das entrevistas foi constatado o uso total de 19 espécies de plantas utilizadas na confecção de peças artesanais. Constatou-se a elaboração de 22 tipos de artesanatos, dentre as espécies utilizadas na produção artesanal o agave (*Agave sisalana*) e o mucunã (*Dioclea grandiflora*) apresentaram uma maior diversidade de formas de uso. Quanto ao status de conservação a espécie que apresentou risco de extinção foi apenas o Pau-brasil (*Paubrasilia echinata*). Os entrevistados demonstraram no decorrer da pesquisa, certa preocupação quanto à conservação de muitas das espécies por eles usadas, relataram que não são mais tão comuns como eram no passado, apontaram as ações antrópicas como principal causa dessa problemática. Muitos relataram uma desvalorização e falta de reconhecimento do seu trabalho por parte dos consumidores. É marcante também, a necessidade de organizarem melhor em associações e grupos de artesãos que visem buscar melhores condições e políticas públicas de incentivo e reconhecimento desse ofício. O uso de medidas conservacionistas na região é urgente, em vista que foi citado que boa parte dessas espécies está diminuindo, ocasionando não só uma perda na biodiversidade como também da arte e cultura regional.

**Palavras-Chave:** Artesanato; botânica; caatinga; conservação.

### INTRODUÇÃO

As plantas desempenham um papel fundamental para a sobrevivência dos seres vivos do planeta, principalmente por sua importância ecológica e complexa estrutura química, que vem sendo utilizada pelo homem como matéria prima para variadas funções (MEDEIROS, 2010), dentre esses múltiplos usos destaca-se o artesanal. O artesanato reflete a cultura local e suas riquezas naturais, atividade que influencia a economia de brasileiros, artesãos que trabalham com matérias primas naturais em peças decorativas ou utilitárias (NETO, 2011). O artesanato consiste em: “um complexo de atividades de natureza manual, através das quais o homem manifesta a criatividade espontânea” (PEREIRA, 1979).

As matérias-primas utilizadas na produção artesanal no Brasil podem ser tanto de origem animal, vegetal ou mineral, e podem ser confeccionados a partir de matérias *in natura*, processados de origem artesanal ou industrial e resultante de processos de reaproveitamento ou reciclagem (NETO, 2011).

O nordeste do Brasil tem uma forte produção artesanal, se destacando nesse setor, além de possuir várias cidades com potencial turístico (LEMOS, 2011). Nesse contexto vale-se ressaltar, que o nordeste do Brasil é uma região de cultura própria, de um povo acolhedor, que trabalha em prol da sua sobrevivência em meio a tantas dificuldades, sobre tudo, devido à sazonalidade dos períodos de seca que ocorrem nessa na maior parte do território nordestino. Calcula-se que nessa região cerca de 3,5 milhões de pessoas estão inseridos no mercado informal, tendo um papel significativo na geração de renda de milhões de famílias (BNB, 2002)

No nordeste, especificamente na Caatinga são diversas as plantas utilizadas para a atividade artesanal, como o Angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), o mulungu (*Erythrina velutina* Willd.), a imburana (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillett) e outras espécies, que infelizmente, devido a exploração inadequada e o extrativismo tem levado ao declínio populacional (ALBUQUERQUE et al.,2010). A conservação de espécies vegetais de potencial artesanal é fundamental para proporcionar a sustentabilidade social, econômica e ambiental da Caatinga.

O presente trabalho tem como objetivo descrever o uso de plantas da caatinga na confecção de artesanatos, além de analisar o contexto socioeconômico e cultural da atividade artesanal, visando à preservação da arte e da biodiversidade em quatro municípios do semiárido brasileiro.

## **METODOLOGIA**

### **Área de estudo**

A pesquisa foi realizada nos Municípios de Cuité (06°28'53'94" S; 36° 08' 58'87" W) e Nova Floresta (06°27'19" S; 36°12'12" W) Mesorregião do agreste Paraibano, Zona Agreste do Estado da Paraíba, e os Municípios de Coronel Ezequiel (06°22'58" S; 36°12'54" W) e Jaçanã (06°25'33" S; 36°12'18" W), Microrregião da Borborema Potiguar, Zona Agreste do Estado do Rio Grande do Norte. São Estados e Municípios circunvizinhos, Cuité abrange uma área de 741,840 km<sup>2</sup> e população estimada de 20.325 habitantes, Nova Floresta 379 km<sup>2</sup> com 10.533 habitantes, enquanto Jaçanã abrange uma área total de 54.558 km<sup>2</sup>, e população estimada de 8.702 habitantes, e Coronel Ezequiel em torno de 203 km<sup>2</sup> e população estimada de 5.583 habitantes respectivamente (CPRM, 2005a; CPRM, 2005b; CPRM, 2005c; CPRN, 2005 d; IBGE, 2014; MARIO, 2016).

A região apresenta uma fitofisionomia típica de áreas de Caatinga. O clima predominantemente é semiárido, frio no inverno e seco no verão. A base econômica dos Municípios está centrada na Agricultura de subsistência, pecuária, extrativismo e comércio (CPRM, 2005 a; 2005 b; CPRM, 2005c; CPRM, 2005d; IBGE, 2014; MARIO, 2016).

### **Coleta e análise dos dados**

As informações foram coletadas entre os meses de junho a julho de 2016, nos Municípios de Cuité –PB , Nova Floresta –PB, Coronel Ezequiel –RN e Jaçanã –RN. Inicialmente foi utilizada a técnica de bola-de-neve *snowball sampling* (Bailey, 1982) para a localização dos artesões que trabalham com plantas para usos artesanais.

A coleta de dados foi realizada por meio da utilização de entrevistas semiestruturadas registradas por meio de gravação e complementadas por observação participante (ALBUQUERQUE, LUCENA & ALENCAR, 2010). O roteiro elaborado para as entrevistas continha perguntas dissertativas e objetivas. O roteiro utilizado continha questões socioeconômicas, e sobre a atividade artesanal e o uso das espécies vegetais empregadas na confecção das peças artesanais. As entrevistas duraram entre 20 a 30 minutos e ocorreram nos estabelecimentos comerciais, feiras livres e residências dos entrevistados de acordo com a disponibilidade de cada um dos participantes.

Durante a pesquisa em campo, as observações diretas foram anotadas em caderneta pessoal, e em adição a isto, foram realizados registros fotográficos das peças, a fim de facilitar a identificação das espécies utilizadas pelos artesões.

A identificação das espécies citadas pelos entrevistados foi realizada por meio da literatura botânica especializada de Lorenzi (2002), e a Lista de Espécies da Flora do Brasil (2016), fazendo-se a correspondência dos nomes populares a suas respectivas famílias botânicas e nomes científicos encontrados. Salienta-se que, os nomes científicos das plantas identificadas foram conferidos nas bases de dados do The International Plant Names Index – IPNI (2016). O sistema de classificação adotado foi o Angiosperm Phylogeny Group – APG III (2009). A avaliação dos status de conservação das espécies ocorreu por meio de consultas à Lista da União Mundial para a Natureza (THE UICN RED LIST OF THREATENED, 2013), e a Lista Nacional Oficial de espécies da Flora Ameaçada de Extinção (2016).

Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas e os resultados analisados de forma qualitativa, de acordo com o modelo de união das diversas competências individuais (HAYS, 1976).

Adicionalmente, foi utilizada a estatística descritiva, onde a frequência das respostas foi calculada e transformada em porcentagem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Perfil socioeconômico dos entrevistados**

Dos 10 artesãos participantes da pesquisa, 30% são do gênero feminino e 70% do gênero masculino, sendo o grupo constituído por pessoas com idades que variaram de 41 á 74 anos. Em relação à profissão, alguns entrevistados indicaram mais de uma opção, entre elas a mais representativa foi à agricultura (n=4), seguida de artesão (n=3), aposentado (n=1), autônomo (n=1), marceneiro (n=1), padeiro (n=1), professor (n=1) e técnico de enfermagem (n=1). Com base nos dados levantados, pode-se considerar a hipótese de que a grande maioria dos entrevistados não formaliza a atividade artesanal, devido à perda de seus direitos da aposentadoria rural por outra atividade ocupacional. Este fato também foi observado por Lizarazo (2015), em um estudo etnobotânico que buscou investigar o conhecimento, a extração e o uso das plantas aquáticas vasculares na confecção de artesanato no litoral norte do Rio Grande do sul Brasil.

Em relação à moradia, a maioria habita a zona urbana (70%- n=7). Cerca de 60% (n=6) dos entrevistados residem no Município de Cuité, 20% (n=2) em Jaçanã, 10% (n=1) em Coronel Ezequiel e 10% (n=1) em Nova Floresta. Quanto aos grupos familiares, 50% (n=5) são compostas entre 1 a 3 pessoas e os outros 50% varia entre 4 a 7 pessoas. Quanto à renda familiar, foram registrados três perfis econômicos: renda familiar no intervalo de um a três salários, compreendendo 80% dos entrevistados; renda familiar maior que três salários mínimos (10%); e renda familiar abaixo de um salário mínimo (R\$ 880,00), compreendendo 10% dos participantes da pesquisa. Isso evidencia que, a atividade artesanal é vista pelos entrevistados como uma segunda opção de atividade desenvolvida a fim de aumentar a renda mensal. Em relação ao grau de escolaridade, 40% não tem nenhum grau de instrução, 20% tem apenas o fundamental incompleto, 20% médio completo e 20% superior incompleto.

### **Espécies de plantas utilizadas para artesanato**

Foi registrado um total de 19 espécies de plantas utilizadas na confecção de peças artesanais, distribuídas em 11 famílias e 19 gêneros (Tabela 1). As famílias mais representativas quanto ao número de espécies foi a Fabaceae (n= 7), resultado semelhante foi observado no Município de

Altamira, Estado do Pará, na região da Rodovia Transamazônica e Rio Xingu (CAMPOS & HAMADA, 2014).

**Tabela 1.** Lista de espécies de plantas empregadas para confecção de artesanato nos Municípios de Coronel Ezequiel e Jaçanã, Estado do Rio Grande do Norte, e os Municípios de Cuité e Nova Floresta, Estado da Paraíba.

Táxons	Nome Popular	Parte Utilizada	Peça Artesanal	Nº de Citações
<b>Agavaceae</b>				
<i>Agave sisalana</i> Perrine	Agave, Sisal	Folhas (fibra)	Vassouras, espanadores, macramês, tapetes, brincos, descanso de panela, porta chaveiro e cordas	4
<b>Arecaceae</b>				
<i>Copernicia prunifera</i> (Mill) H.E. Moore	Carnaúba	Folha	Vassouras	1
<i>Syagrus</i> sp.	Coco Catolé	Fruto	Chaveiros e bonecas	1
<b>Asteraceae</b>				
<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	Semente	Arranjos para estante	1
<b>Bignoniaceae</b>				
<i>Arrabidaea</i> sp.	Cipó de caçuá	Caule (cipó)	Caçuás e cestos	1
<b>Bombacaceae</b>				
<i>Ceiba pentandra</i> Gaertn	Sumaúma	Tronco	Carros de brinquedo	1
<b>Cactaceae</b>				
<i>Pilosocereus pachycladus</i> F. Ritter	Facheiro	Caule	Caixas de abelha	1
<b>Fabaceae</b>				
<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	Imburana	Tronco	Esculturas, porta retratos e chaveiros	2
<i>Delonix regia</i> (Hook.) Raf.	Flamboyant	Semente	Arranjos para estante	1
<i>Dioclea grandiflora</i> Mart.	Mucunã	Semente, galhos, caule (cipó)	Arranjos para estante, chaveiro, colar, pulseira, correia de sandália, mandalas, balaios e cestas	3
<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell.) Morong	Tambor	Semente	Arranjos para estante	1
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	Semente	Arranjos para estante	1
<i>Paubrasilia echinata</i> (Lam.)	Pau-brasil	Semente	Arranjos para estante	1
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	Semente	Arranjos para estante	1
<b>Lauraceae</b>				
<i>Ocotea fragrantissima</i> Ducke	Louro Canela	Tronco	Carros de brinquedo	1
<b>Sapindaceae</b>				
<i>Paullinia cupana</i> Kunth	Guaraná	Semente	Arranjos para estante	1
<b>Poaceae</b>				
<i>Guadua</i> sp.	Taboca	Caule	Cestas e balaios	2
<i>Zea mays</i> L.	Milho	Semente	Arranjos para estante	1
<b>Typhaceae</b>				
<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa	Caule (fibra)	Almofadas, cadeiras, cestos e bolsas	1

As espécies mais citadas foram: agave (*Agave sisalana* Perrine – n=4), mucunã (*Dioclea grandiflora* Mart. – n=3), imburana (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B. Gillett – n=2) e taboca (*Guadua* sp. – n=2), utilizadas para confeccionar vários produtos artesanais.

Verificou-se a elaboração de 22 tipos de artesanatos: arranjos para estante (Figura 1B, L), balaios (Figura 1N), bonecas, brincos, caçuás, caixas de abelha (Figura 1H), carros de brinquedo (Figura 1K), cestas, chaveiros (Figura 1J), colar, cordas (Figura 1E), correia de sandália, descanso de panela (Figura 1F-G), esculturas (Figura 1C, I), espanadores (Figura 1M), macramês (Figura 1A), mandalas, porta chaveiro, porta retratos, pulseira, tapetes e vassouras (Figura 1D).Dentre as espécies utilizadas na confecção de artesanato o agave (*Agave sisalana* Perrine) e o mucunã (*Dioclea grandiflora* Mart.) apresentaram uma maior diversidade de formas de uso (n=8).

Em relação ao *status* de conservação das espécies, o Pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.) encontra-se em uma situação delicada a nível de conservação, estando presente na base de dados da International Union for Conservation of Nature (IUCN, 2013) e na “Lista Oficial de espécies da Flora Ameaçada de Extinção” (2014), estando categorizado em ambas como Em Perigo (EN) de extinção.

### **Produção artesanal, usos da flora e conservação**

Os artesãos trabalham com a atividade artesanal entre 8 à 60 anos. O conhecimento da prática artesanal é transmitido principalmente a nível familiar, sendo passado de geração a geração (LIZARAZO, 2015; BEZERRA, 2012; NETO, 2011; DINIZ & DINIZ, 2009), no entanto no presente estudo a maioria dos indivíduos aprenderam o ofício sozinho (50%), alguns relataram que é um dom divino, dom este dado por Deus. Os demais aprenderam o ofício através de familiares (20%), conhecidos (10%), cursos (10%) ou observando outros artesãos (10%).

Todos os entrevistados relataram que o artesanato não é a sua única fonte de renda, exercendo outras atividades, por exemplo: como agricultor, técnico em enfermagem, padeiro e autônomo. Para os participantes o artesanato é um importante complemento de renda, contudo essa atividade também foi considerada uma forma de lazer e passatempo. Na comunidade de Caroyalina (Sertânia-PE), o comércio do artesanato e outros derivados de produtos não madeireiros é um importante complemento de renda mensal, obtendo por mês cerca de R\$ 300,00 permitindo a inclusão e participação da mulher na composição da renda familiar (CRUZ et al., 2009). No município Paulino Neves, estado do Maranhão, em várias localidades a atividade artesanal ainda é vista socialmente apenas como um tipo de passatempo das mulheres, praticado nas horas livres entre os afazeres

domésticos cotidianos, e não como uma fonte de renda, apesar da rede produtiva do artesanato ser uma das maiores geradoras de renda no município (SARAIVA & SAWYER, 2007).

A maioria dos artesãos (90% -n=9) afirma que o artesanato não é valorizado, e que a maioria dos indivíduos que compram as peças acham caro (60% -n=6). Contudo 30% (n=3) dos entrevistados relataram que pessoas de cidades mais distantes consideram o preço justo pela peça, porém as pessoas que moram na sua própria região acham os preços elevados. França, Lima, & Nunes (2011) observaram certa deficiência de demanda por parte dos consumidores locais e regionais quanto à aceitação de peças de artesanatos (palha, cipós, bonecas de pano, bijuterias, entre outras) em diversas feiras em que atua a Rede Xique Xique de Produção Agroecológica e Comercialização Solidária, no estado do Rio Grande do Norte, segundo os depoimentos dos feirantes a pequena comercialização das peças artesanais deve-se, da falta de hábito em adquirir estes produtos, e a limitação de renda dos potenciais consumidores.

Com relação ao local onde os artesãos obtêm a matéria prima que utiliza para a confecção do artesanato, 50% (n=5) citaram que adquirem na própria região – a qual compreendeu as microrregiões do Curimataú Ocidental e a Borborema Potiguar –, 20% (n=2) disseram obter em outros locais e 30% informou que adquire tanto na própria localidade, quanto em outras regiões, as quais compreendem o Norte e Sudeste do Brasil.

Das espécies listadas pelos entrevistados 16 delas são plantas comumente encontradas na própria região dos informantes. Já as espécies: flamboyant (*Delonix regia* (Hook.) Raf.), guaraná (*Paullinia cupana* Kunth.) e pau-brasil (*Paubrasilia echinata* Lam.) são espécies comumente encontradas nas regiões da Amazônia e Mata Atlântica, portanto, há uma maior dificuldade de acesso a essas matérias primas.

Quando questionado a forma de obtenção da planta, 40% (n=4) informaram que adquirem a matéria por meio da compra, portanto, não puderam informar se havia um manejo adequado ou se a extração era realizada de forma sustentável. Cerca de 60% (n=4) fazem a coleta do material, contudo apenas 20% (n=2) dos artesãos disseram fazer um manejo adequado ao retirar a planta da natureza. Nesse aspecto vale salientar que durante as falas dos entrevistados, tanto dos que compram quanto dos que coletam, há certo conhecimento sobre a forma que deve ser extraído a planta, no entanto, apesar de saberem que para retirar a matéria prima da natureza é necessário um manejo sustentável, não havia essa prática por parte dos artesãos. Bezerra (2012) relata em seu trabalho a importância em manter a cultura por meio do artesanato, porém manter de forma que haja

a preservação da planta utilizada. Desse modo, preservando a matéria prima de trabalho, a cultura do artesanato será mantida.

**Figura 1.** Fotografias de algumas peças artesanais produzidas por artesãos dos Municípios de Coronel Ezequiel e Jaçanã, Estado do Rio Grande do Norte, e os Municípios de Cuité e Nova Floresta, Estado da Paraíba. **A** – Macramê (portal); **B** – Arranjo de estante; **C** – Escultura (mulher grávida); **D** – Vassoura; **E** – Corda; **F-G** – Descanso de panela; **H** – Caixa de abelha; **I** – Esculturas; **J** – Chaveiros; **K** – Carro de brinquedo; **L** – Arranjo de estante; **M** – Espanador; **N** – Balaio.



Fotos: A-E, I-J, L-M – Robson Júnio; F-G – Alexandra Pereira; H, K, N – Helena Cabral.

Segundo os artesãos atualmente as espécies de agave (*Agave sisalana* Perrine.), sumaúma (*Ceiba pentandra* Gaertn.), taboca (*Guadua* sp.) e mulungu (*Erythrina velutina* Willd.) são difíceis de serem encontradas no ambiente. Embora essas plantas citadas não configurem na Lista Oficial de

espécies da Flora Ameaçada de Extinção (2014) e na base de dados International Union for Conservation of Nature (IUCN, 2013), regionalmente, os artesãos têm percebido que ao longo dos anos essas espécies vegetais estavam entrando em declínio resultando atualmente em um número reduzido de espécies. Considerando que os entrevistados trabalham com a atividade do artesanato há pelo menos 30 anos, é possível fazer um paralelo entre o tempo em que se iniciou a atividade e o cenário atual. O que se constata é que no período de trinta anos atrás, onde o acesso as plantas utilizadas por eles era maior, não havia um pensamento voltado para conscientização quanto o de hoje, ou seja, não havia preocupação em retirar da natureza aquilo que era possível encontrar de forma considerável, evidenciando que o declínio de tais plantas está relacionado com a coleta excessiva e conseqüentemente com o manejo inadequado. Cardel et al. (2012) afirma que uma das formas mais agressivas de manejo e que traz mais impacto ao meio ambiente é o uso exagerado dos recursos naturais por meio do extrativismo.

Sobre a prática da extração sustentável, que consiste no manejo menos agressivo e no replantio de mudas das espécies utilizadas na confecção do artesanato, houve por parte dos artesãos interesse em realizá-la, no entanto, embora se mostrassem interessados, os entrevistados consideraram alguns aspectos, tais como, a ausência de área de plantio, o esforço gasto entre o replantio e a colheita e o fator tempo, ou seja, algumas espécies demandam tempo até atingir o período de colheita, como no caso do agave (*Agave sisalana* Perrine.) citado durante a entrevista, como sendo uma espécie que até o estágio de colheita são necessários pelo menos cinco anos. Nesse ponto, atitudes como informar e capacitar proporcionando conhecimento necessário com relação a métodos de extração sustentável, por meio de cooperativas e associações da região pode promover mudanças que contribuam para a permanência do artesanato e também a preservação da flora.

Quando se trata de organizações de artesãos, verificou-se que apenas 10% (n=1) fazem parte de alguma associação ou cooperativa, onde a única citada pelos entrevistados foi a Cooperativa Agropecuária Cacho de Ouro – COOPERCACHO, com sede no município de Jaçanã-RN, sendo a única na região ao qual se tem registro de existência segundo os próprios artesãos. A falta de iniciativa dos artesãos em se organizarem em Associação ou Cooperativa é resultante muitas vezes da falta de incentivo e desvalorização do artesanato na região, o que desestimula os próprios artesãos. Resultados descritos por Nascimento e Davel (2011) mostram que as artesãs também se queixam por unanimidade da falta de valorização dos produtos e dos trabalhos realizado por elas, a baixa remuneração e a falta de pontos de vendas.

Se tratando do local de comercialização do artesanato alguns responderam mais de uma opção, sendo os espaços mais citados, as feiras (n=6) e suas próprias residências (n=5). Segundo Nascimento e Davel (2011), o poder público deve incentivar os eventos voltados aos artesãos nos municípios, uma vez que tem o potencial de melhorar a economia local.

## CONCLUSÕES

Ao final da pesquisa pode-se constatar a importância e o potencial do artesanato na área pesquisada. A região do semiárido apresenta uma rica diversidade de plantas que são utilizadas na confecção de inúmeras peças artesanais, onde são utilizadas várias partes do vegetal, como sementes, troncos, galhos e folhas.

O artesanato segundo os artesãos não é tão valorizado como se esperava e essa atividade acaba sendo uma atividade secundária, onde apenas serve de complemento para a renda familiar e também como um hobby. Para preservação dessa arte e cultura regional é necessário, garantir a matéria prima através do manejo sustentável e conscientização dos próprios artesãos, devendo ser o primeiro passo pra mudar essa realidade. Sendo necessárias medidas conservacionistas, como o plantio de mudas com potencial artesanal e espécies em risco de extinção, oficinas de manejo e educação ambiental voltado para os artesãos.

O pequeno número de artesão e a ausência de jovens caracterizam uma cultura em declínio e possível desaparecimento, portanto é necessário buscar incentivos e medidas que visem à inclusão de jovens nessa atividade. A criação de oficinas e cursos sobre artesanato com o apoio de associações e cooperativas e com participação dos artesãos são meios eficientes de manter essa cultura viva e que não se desapareça com o passar do tempo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. et al. **Caatinga biodiversidade e qualidade de vida**. Bauru, São Paulo: Canal6, 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Ed.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 41-64.

Angiosperm Phylogeny Group (APG III) 2009. Disponível em: <<http://www.mobot.org/MOBOT/Research/APweb/>>. Acesso em 22 Junho de 2016.

BAILEY, K.D. 1982. **Methods of social research**. 2 ed., New York: McMillan Publishers. The Free Press. 533p.

BANCO DO NORDESTE. **Ações para o desenvolvimento do artesanato no Nordeste**. Fortaleza: BNB, 2002.

BEZERRA, N. X. Artesanato sagrado: A tradição dos trançados de “palhas ou ramos bentos” em Apodi (RN). **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 9, n. 2, 2012.

CAMPOS, J. A.; HAMADA, M. O. S. Levantamento das sementes florestais utilizadas na confecção de artesanato no município de Altamira, Pará. **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia, v.10, n. 18, p. 2199 – 2107, 2014.

CARDEL, L. M. P. S.; OLIVEIRA, M. A. J.; GUEDES, M. L. S.; SANTANA, F. A. O uso das plantas e o saber tradicional em três comunidades ribeirinhas do rio São Francisco. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, p. 146, 2012.

CRUZ, L. H. V. A.; PAREYN, F. G. C. A.; SILVA, J. P. F. A.; VIEIRA, J. L. A. Produtos florestais não-madeireiros, sua importância na composição da renda familiar, inclusão social e manutenção da biodiversidade: a experiência da comunidade de Caroalina – Sertânia-PE. **Rev. Bras. de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 889 – 892, 2009.

DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T. Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracterização empírica. **Novos cadernos NAEA**, v. 10, n. 2, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. 2014. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 Junho de 2016.

FRANÇA, A. R. M. ; LIMA, D. S. ; NUNES, E. M. As Feiras da Agricultura Familiar Criadas pela Rede Xique Xique em dez municípios do Rio Grande do Norte: sua influencia na mobilização social de pequenos produtores rurais em busca de inserção em mercados. In: SEABRA, G.; MENDONÇA I.(Org.). **Educação Ambiental: responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade**. 1 ed. João Pessoa, PB. : Editora Universitária da UFPB. 2011.v. II, p. 130-136.

HAYS, T. E. An empirical method for the identification of covert categories in Ethnobiology. **American Ethnologist**, v. 3, n. 3, p. 489-507, 1976.

IUCN. Red list of threatened species. Version 2013.2. 2013. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org>>. Acesso em: 19 Junho de 2016.

LEMOS, M. E. S. **Artesanato como alternativa de trabalho e renda**: subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-CE. Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE: UFC, 2011. (Dissertação de Mestrado)

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 27 Junho de 2016.

Lista Nacional Oficial de espécies da Flora Ameaçada de Extinção. 2014. Disponível em: <<http://cncflora.jbrj.gov.br/portal/pt-br/listavermelha/>>. Acesso em: 19 Junho de 2016.

LIZARAZO, M. R. B. **Estudo etnobotânico das plantas aquáticas vasculares para artesanato no litotal norte do Rio Grande do Sul-Brasil**. 2015. 116 fl. Dissertação (Mestrado, Botânica) – UFRS, Porto Alegre.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação de plantas arbóreas nativas do Brasil**. São Paulo: Nova Odessa, 2002. 225-228p.

MARIO, O. **Jaçanã, meio século de história**. 2ª edição revista e atualizada. Natal/RN: Offset, 2016.

MEDEIROS, M. F. T. Historical Ethnobotany: an approach through historical documents and their implications nowadays. In: Albuquerque, U.P & Hanazaki, N. **Recent Developments and Case Studies in Ethnobotany**. Recife: NUPEA, 2010. 287 p. 127-142.

NASCIMENTO, S. H. S. M.; DAVEL, E. P. B. Empreendedorismo cultural no território do sisal: Estratégias de qualificação voltadas para mestres artesãos. **Revista NAU Social**, V.2 N.3, p. 116-126. Nov 2011/Abr 2012.

NETO, V. F. Q. **O artesanão, o artesanato e a educação ao longo da vida: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN)**. 2011. 116 fl. Dissertação (Mestrado, Educação) – UFRN, Natal.

PEREIRA, C. J. C. **Artesanato-definições, evoluções-ação do MTb-PNA. Brasília, Mtb, 1979**

SARAIVA, N.; SAWYER, D. Análise do potencial econômico e socioambiental do artesanato do buriti em comunidades tradicionais nos Lençóis Maranhenses. **VII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica**, Fortaleza, 2007.

Serviço Geológico do Brasil - CPRM. Diagnóstico do município de Cuité, estado da Paraíba. In: MASCARENHAS, J. C.; BELTRÃO, B. A.; SOUZA-JÚNIOR, L. C.; MORAIS, F.; MIRANDA, J.L.F.; MENDES, V.A. (Ed.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento de água subterrânea, estado da Paraíba**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005b. p. 11.

Serviço Geológico do Brasil - CPRM. Diagnóstico do município de Nova Floresta, estado da Paraíba. In: MASCARENHAS, J.C.; BELTRÃO, B. A.; SOUZA-JUNIOR, L.C.; MORAIS, F.; MIRANDA, J.L.F.; MENDES, V.A. (Ed.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado da Paraíba**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005d. p. 11.

Serviço Geológico do Brasil - CPRM. Diagnóstico do município de Coronel Ezequiel, estado do Rio Grande do Norte In: MASCARENHAS, J. C., BELTRÃO, B. A., SOUZA-JÚNIOR, L. C.; PIRES, S. T. M.; ROCHA, D. E. G. A.; CARVALHO, V. G. D. (Ed.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Rio Grande do Norte**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005a. p. 11.

Serviço Geológico do Brasil - CPRM. Diagnóstico do município de Jaçanã, estado do Rio Grande do Norte In: MASCARENHAS, J. C.; BELTRÃO, B. A.; SOUZA-JÚNIOR, L. C.; PIRES, S. T. M.; ROCHA, D. E. G. A.; CARVALHO, V. G. D. (Ed.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Rio Grande do Norte**. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005c. p. 11.

The International Plant Names Index – IPNI. Disponível em: [<http://www.ipni.org/ipni/plantnamesearchpage.do>]. Acesso e 23 Junho de 2016.